

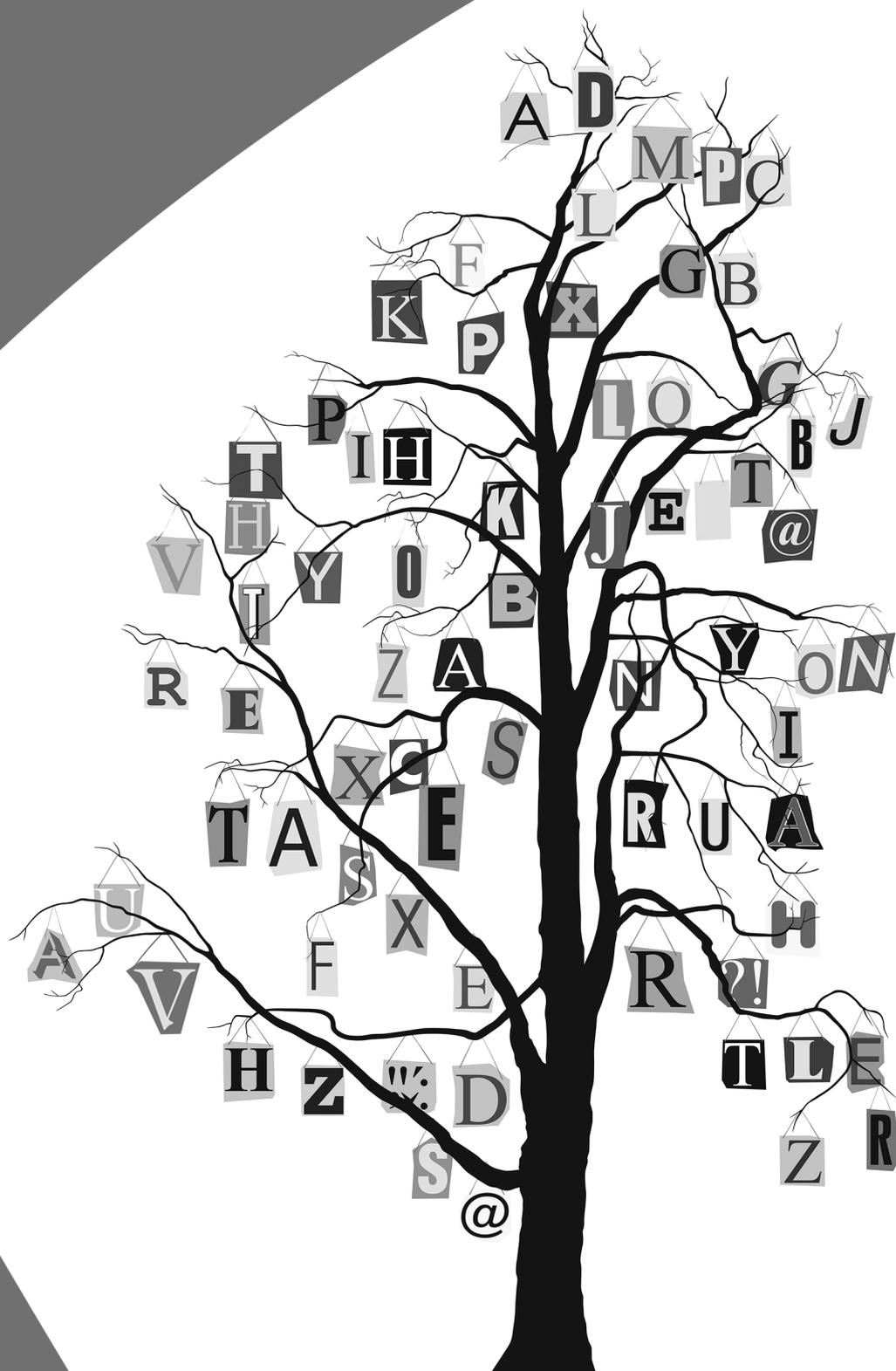
(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	<p>(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86002-18-8 DOI 10.22533/at.ed.188202802</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book as reflexões giram em torno dos estudos voltados para as áreas da linguística, da literatura e das artes. Não é uma obra, unicamente, composta por estudos e investigações linguísticas, tampouco destinadas somente ao fazer literários e ao estudo das artes. Estas reflexões são constituintes de uma coletânea plural das ideias e dos conhecimentos que aqui se apresentam, assim como devem ser todas as investigações que têm o ser humano como principal agente de problematizações e soluções.

Os trinta e três capítulos que dão formatos e sentidos à obra estão no mesmo patamar das propostas em que é valorizada cada forma como os seus autores se debruçam sobre seus escritos, suas análises e suas investigações, denotando que o ser humano é, por excelência, um sujeito que está envolvido e inserido na linguagem para entender outros contextos comunicativos, poéticos, estéticos e discursivos.

Todos os capítulos são necessários e imprescindíveis para a efetivação desta obra, pois felizes e ousados são os autores que se propuseram a demonstrar como os diferentes conhecimentos estão sendo formulados e construídos nos diferentes contextos de realização da linguagem.

Em cada capítulo a presença das marcas singulares é latente, porque a linguística utiliza-se da literatura e da arte para criar seus objetos de investigação, análise, estudo, problematização e de construção de sentidos, visto que é na linguagem que os questionamentos podem tomar formas em propostas e sugestões. Assim como a literatura se utiliza da arte, a arte refaz o mesmo caminho da literatura e da linguística, mas de maneira mais singular, porque cumpre a nobre missão de nos encantar.

As (in) subordinações semânticas que compõem esta obra se justificam pela diversidade de conhecimentos e de saberes estruturados contidos em cada parte deste e-book. Entendê-las e construir pontes dialógicas na formação cognitiva do sujeito são algumas das funções dos trinta e um capítulos que formatizam as ideias lançadas nesta coletânea plural.

Assim, todos os autores que aqui se propuseram, fazem votos de que os leitores, principais interlocutores desta obra, encontrem as respostas para seus questionamentos e, mais ainda, sejam capazes de elaborar outras questões na criação de possibilidades que se estabelecem em uma cadeia interconectada de saberes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS EXAMES DE PROFICIÊNCIA DAS UNIVERSIDADES DE SANTA CATARINA	
Cassiane Lemes Batista Tadinei Daniel Jacumasso	
DOI 10.22533/at.ed.1882028021	
CAPÍTULO 2	10
A LINGUAGEM DOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA, EM TORNO À ESCRAVIDÃO	
Maria Lucia Mexias-Simon	
DOI 10.22533/at.ed.1882028022	
CAPÍTULO 3	18
LETRAMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO DISCURSO À PRÁTICA	
Indionara de Matos Márcia Adriana Dias Kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028023	
CAPÍTULO 4	32
LETRAMENTOS MULTISSEMIÓTICOS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Ana Paula Domingos Baladeli	
DOI 10.22533/at.ed.1882028024	
CAPÍTULO 5	43
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GRAMÁTICA E GÊNEROS DE TEXTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1882028025	
CAPÍTULO 6	65
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1882028026	
CAPÍTULO 7	74
PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA COMPREENSÃO AUDITIVA EM LÍNGUA INGLESA VIA <i>MOODLE</i>	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.1882028027	

CAPÍTULO 8	85
TRABALHANDO A ORALIDADE ATRAVÉS DA MÍDIA PODCAST NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sidinei Mateus Schmidt Fabiana Diniz Kurtz Taíse Neves Possani	
DOI 10.22533/at.ed.1882028028	
CAPÍTULO 9	93
MONITORIA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE: LETRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS SOCIAIS	
Pamela Tais Clein Capelin Márcia Adriana Dias kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028029	
CAPÍTULO 10	105
RÁDIO NA FEIRA: DISCURSO E ORALIDADE NO VIÉS DA LITERATURA	
Darlise Vaccarin Fadanni	
DOI 10.22533/at.ed.18820280210	
CAPÍTULO 11	117
CONCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA APLICADA EM UM PROJETO DE CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO	
Daniele Santos Rocha Emerson Tadeu Cotrim Assunção Juliana Alves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.18820280211	
CAPÍTULO 12	128
UMA VISÃO SOBRE OS GÊNEROS LITERÁRIOS AO LONGO DA HISTÓRIA	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.18820280212	
CAPÍTULO 13	150
TRAVESSIAS ÉTICO-POLÍTICAS: ESTUDOS EM ATUAÇÃO	
Tânia Tiemi Ikeoka	
DOI 10.22533/at.ed.18820280213	
CAPÍTULO 14	163
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS <i>SIMÃO DIAS</i> E <i>O CORTIÇO</i> , NAS PERSONAGENS LUISA, DO CARMO E POMBINHA	
Rosa Gabriely Monteiro Fontes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280214	
CAPÍTULO 15	173
A SERIEMA, A CIDADE E A MULHER NA POÉTICA DE APARECIDO ALVES MACHADO	
Erick Vinicius Mathias Leite Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280215	

CAPÍTULO 16	193
SUBORDINAÇÃO E SUBALTERNIDADE DA MULHER INDÍGENA EM <i>CRIADA</i> (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA	
Larissa Natalia Silva Rosangela Schardong	
DOI 10.22533/at.ed.18820280216	
CAPÍTULO 17	206
PROTAGONISMO FEMININO NO CÁLIX DE VINHO DE JULIANA	
Jeane de Cássia Nascimento Santos Antonio Marcos dos Santos Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.18820280217	
CAPÍTULO 18	217
MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NO ROMANCE <i>UM DEFEITO DE COR</i> , DE ANA MARIA GONÇALVES	
Ramon Rocha Ribeiro Cristian Souza de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.18820280218	
CAPÍTULO 19	232
ANÁLISE DA CARGA NEGATIVA DA SOMBRA NA <i>MISE-EN-SCÈNE</i> DO CINEMA EXPRESSIONISTA	
Juan Francisco Celín Robalino	
DOI 10.22533/at.ed.18820280219	
CAPÍTULO 20	247
O MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO	
Victória Nantes Marinho Adorno Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280220	
CAPÍTULO 21	259
QUE FOGO NOS TRAZ ESSE PROMETEU MODERNO: AS TRÊS FASES DA ESCRITA FEMININA DE ELAINE SHOWALTER EM <i>FRANKENSTEIN</i> DE MARY SHELLEY	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macêdo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280221	
CAPÍTULO 22	270
INOVAÇÃO EDUCACIONAL: O FENÔMENO DA TRANSMÍDIA NA VIDA ESCOLAR DOS JOVENS DE BREVES-PA, ILHA DO MARAJÓ	
Valéria de Oliveira Pena Borges Bruno Diego Fernandes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.18820280222	

CAPÍTULO 23	275
MÚSICA, ALFABETIZAÇÃO E FOLCLORE: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES	
Cibele Machado Maier	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280223	
CAPÍTULO 24	283
O CORPO EM <i>BREATH, EYES, MEMORY</i> : DESLOCAMENTO,TRAJETÓRIAS E POSICIONAMENTOS	
Juliana Borges Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280224	
CAPÍTULO 25	293
PENSANDO O CORPO CÔMICO NA DANÇA	
Diego Mejía Neves	
Clara Gouvêa do Prado	
Leonardo Birche de Carvalho	
Mariana dos Reis Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280225	
CAPÍTULO 26	300
DESAFIOS DO LICENCIADO EM DANÇA:DA GRADUAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO	
Juliana Ramos Buçard do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280226	
CAPÍTULO 27	304
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DANÇA E REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA INFANTIL	
Maria Fernanda Silva Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280227	
CAPÍTULO 28	316
ELO: LEGADO CULTURAL CAPIXABA	
Camila Honorio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.18820280228	
CAPÍTULO 29	324
CAMINHOS DA PRESENÇA: COM-SENTINDO OUTRAS/OS BAILARINAS/OS POSSÍVEIS	
Daniela Isabel Kuhn	
Juliana Maria Greca	
DOI 10.22533/at.ed.18820280229	
CAPÍTULO 30	337
DANÇA E CONHECIMENTO: FORMULAÇÕES OU INSURGÊNCIAS DO AGORA	
Márcia Virgínia Mignac da Silva	
Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.18820280230	

CAPÍTULO 31	349
DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E DE MATRIZ AFRICANA: A ABP E UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Joana Maria Santana Torres	
DOI 10.22533/at.ed.18820280231	
CAPÍTULO 32	364
ESPAÇO URBANO, RESISTÊNCIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DA APROPRIAÇÃO DA CIDADE	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18820280232	
CAPÍTULO 33	384
REVITALIZAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DE HIGIENIZAÇÃO SOCIAL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Letícia Leal Lima	
DOI 10.22533/at.ed.18820280233	
SOBRE O ORGANIZADOR	399
ÍNDICE REMISSIVO	400

SUBORDINAÇÃO E SUBALTERNIDADE DA MULHER INDÍGENA EM *CRIADA* (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA

Data de aceite: 18/02/2020

Larissa Natalia Silva

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/3058189422200576>

Rosangela Schardong

Pós-Doutorado - Centro de Investigaciones de la Facultad de Filosofía y Humanidades UNC, CIFYH, Argentina.
Alto Bela Vista - Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/2344616828456810>

RESUMO: O presente trabalho dedica-se a analisar o filme argentino *Criada*, 2009, de Matías Herrera Córdoba, que apresenta em sua trama uma denúncia de exploração, a partir da árdua vida de uma mulher indígena mapuche, de aproximadamente 50 anos, nascida no sul da Argentina, que foi levada criança para ser *criada* de uma família branca. O filme mostra o cotidiano desta mulher, que trabalha incessantemente na casa e na fazenda dos patrões, realizando trabalhos pesados, porém nunca recebeu salário e vive em condições precárias. Pretende-se analisar o processo de subordinação sofrido pela protagonista em suas relações com a família branca, considerando-se que ela faz parte simultaneamente de três grupos subalternos: mulher, indígena e pobre.

A pesquisa apoia-se principalmente em Saríah Acevedo para analisar a tripla subordinação e em Adelma Pimentel para observar a violência psicológica. Ainda coloca-se em foco como a protagonista é construída como o *outro*, a partir dos conceitos de Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?* Entende-se que na condição de *outro*, como sujeito subalterno, por ser indígena, pobre e mulher, Hortência, a protagonista do filme, desde criança sofreu diferentes formas de violência, que a subordinaram, emocional e economicamente à família branca, de uma forma análoga ao trabalho escravo.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Indígena; Mapuche; Subordinação; Subalternidade.

SUBORDINACIÓN Y SUBALTERNIDAD DE LA MUJER INDÍGENA EN *CRIADA* (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA

RESUMEN: El presente trabajo dedicase a hacer un análisis de la película argentina *Criada*, 2009, de Matías Herrera Córdoba, que presenta como trama una denuncia de explotación, a partir de la ardua vida de una mujer indígena mapuche, de aproximadamente 50 años, nacida en el sur de Argentina, que fue tomada de niña para ser *Criada* de una familia blanca. La película muestra la vida cotidiana de esta mujer, que trabaja incesantemente en el hogar y en la finca, haciendo un trabajo

duro, pero nunca recibió un salario y vive en condiciones precarias. Se pretende analizar el proceso de subordinación que sufre la protagonista en sus relaciones con la familia blanca, considerando que ella forma parte simultáneamente de tres grupos subordinados: mujer, indígena y pobre. La investigación se basa principalmente en Sariah Acevedo para analizar la triple subordinación y Adelma Pimentel para observar la violencia psicológica. Todavía se centra en cómo se construye el protagonista como el *otro*, a partir de los conceptos de Spivak (2010), en *¿Puede hablar el subalterno?* Se entiende que, en la condición de *otro*, como sujeto subalterno, por ser indígena, pobre y mujer, Hortência, la protagonista de la película, desde niña sufrió diferentes formas de violencia, que la subordinaron, emocional y económicamente a la familia blanca, de una manera análoga al trabajo esclavo.

PALABRAS-CLAVE: Mujer; Indígena; Mapuche; Subordinación; Subalternidad.

1 | INTRODUÇÃO

Como objetivo geral desta pesquisa, realiza-se a análise da subordinação encontrada na relação entre a protagonista Hortência, uma mulher indígena mapuche, com a família branca que a tem como *criada*, especulando como essa relação se estabeleceu. Como objetivos específicos examina-se os modos de subordinação da protagonista. Para desenvolver esta análise toma-se como base conceitos apresentados por Gayatri Chakravorty Spivak sobre o *outro* e sobre a condição dos sujeitos subalternos, e ainda o conceito de tripla subordinação sofrido por mulheres indígenas pobres, apresentado por Sariah Acevedo.

A fim de aprofundar o estudo da subordinação realiza-se uma análise da violência familiar presente nas relações entre a mulher indígena e a família branca, com foco na violência psicológica, com base em Adelma Pimentel.

A naturalidade com que é tratada a situação de exploração da mulher indígena é a principal denúncia do filme, pois demonstra que o fato de a mulher indígena ser *criada* desde a infância, trabalhando incessantemente para a família branca que a subordina de três maneiras e a violenta psicologicamente é visto como algo normal e corriqueiro na Argentina, em pleno século XXI.

2 | SINOPSE

O filme *Criada* (2009), dirigido por Mathias Herrera Córdoba, conta a história de Hortência, uma mulher indígena Mapuche, que vivia em Rio Chico, no sul da Argentina. Quando se torna órfã, ainda criança, foi levada para uma instituição chamada *escuela hogar*, uma espécie de orfanato, e em seguida foi levada para ser *criada* de uma família branca no norte da Argentina, em Córdoba.

A protagonista trabalha exaustivamente para a família branca. Cuida da casa,

dos olivares, dos vinhedos, dos animais, porém nunca recebeu salário. Ela realiza alguns trabalhos extras para obter algum dinheiro, em sua maioria moedas, vendendo bolos, doces e compotas.

O que move a trama é um suposto convite para ir ao casamento de seu filho, nos Estados Unidos, e conhecer seu neto. O conflito permeia o incessante trabalho e a dificuldade de juntar dinheiro suficiente para a viagem, deixando entrever as condições perversas em que Hortência vive.

3 | SUBORDINAÇÃO

A fim de analisar o processo de subordinação, recorre-se inicialmente a alguns conceitos apresentados pelo dicionário *Houaiss*:

Subordinação s.f. (1600) ato ou efeito de subordinar(-se) 1 ordem estabelecida entre as pessoas e segundo a qual umas dependem das outras, das quais recebem ordens ou incumbências; dependência de uma(s) pessoa(s) em relação a outra(s) <s. aos pais, aos superiores> 2 ato ou efeito de obedecer; obediência, disciplina <s. militar> 3 ato ou efeito de colocar(-se) em condição inferior; submissão <s. do material espiritual> (HOUAISS, 2009, p.1781).

A subordinação da protagonista, Hortência, é um ponto importante a ser analisado na trama do filme em estudo, pois aparece de diferentes maneiras. Hortência está em uma situação de dependência econômica e emocional em relação aos proprietários da fazenda. Compreende-se que tal situação ocasionou a subordinação sofrida por ela, o que provavelmente teve início em sua infância, desde que foi levada para ser criada por esta família branca e rica, sendo protegida pela autoridade e estrutura familiar, ante a obrigação de trabalhar e obedecer.

Ao longo da trama, pouco a pouco desvenda-se a complexa relação de dependência e subordinação entre Hortência e a família branca. Apesar da situação precária em que vive, já como mulher adulta, com aproximadamente 50 anos, a protagonista necessita daquela fazenda para viver, pois não tendo condições financeiras, não recebendo salário e ganhando pouco, apenas com alguns produtos que vende, como doce de damasco e compotas, ali tem moradia e dali obtém seu sustento. Por ser pobre, ela se subordina a viver nesta situação. A família branca, por outro lado, necessita de Hortência, pois é ela que, mesmo sozinha, realiza praticamente todos os serviços fundamentais para a manutenção da fazenda. Como as muitas cenas de trabalho demonstram, é ela quem cuida de tudo, desde a plantação, irrigação, colheita, alimentação dos animais e a limpeza da casa.

Para apoiar a análise da subordinação de Hortência, recorre-se à obra *Pode o subalterno falar?*, de Gayatri Chakravorty Spivak. Nela a autora discorre sobre a questão do lugar de fala do subalterno, em alguns momentos com enfoque no lugar

de fala das mulheres.

Um trecho importante da obra de Spivak que, de certa maneira, pode ser aplicado para analisar a história de Hortência é o seguinte:

pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da 'mulher' parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras (SPIVAK, 2010, p. 85).

Hortência é mulher, pobre e indígena, vive em uma situação análoga ao exemplo dado por Spivak. Se para um subalterno é difícil obter um lugar de fala e ser ouvido, para Hortência a situação é três vezes mais difícil, já que ela faz parte de três grupos subalternos, por seu gênero, classe social e raça.

Saría Acevedo, em seu artigo *Los derechos de las mujeres en el movimiento indígena latino-americano*, publicado em 2010, ao tratar da subordinação, afirma que:

Se podría hablar de dos esferas fundamentales, una interna y una externa. En la esfera interna, las mujeres indígenas han debatido y posicionado al interior del movimiento indígena que la lucha reivindicativa como pueblo no debe obviar la condición sobre su doble o triple condición de subordinación por ser indígena, mujer y pobre. De igual manera en la esfera externa, han debatido y se han posicionado en relación a la necesaria transformación de aquellos aspectos de la vida comunitaria que reproducen condiciones de desigualdad, violencia y subordinación para las mujeres (ACEVEDO, 2010, p. 11).

No enredo de *Criada* pode-se observar que Hortência vive as três condições de subordinação que Acevedo identifica no cotidiano das mulheres indígenas. Percebe-se essa subordinação pela maneira com que Hortência é tratada pelos proprietários da casa e da fazenda, que são pessoas brancas de condição econômica elevada. Hortência trabalha incessantemente para esta família branca, porém não recebe salário e é tratada como inferior, como se não fosse um ser detentor de direitos humanos, sociais e trabalhistas, como se ela devesse apenas trabalhar duro, obedecer e calar. Em alguns dos diálogos mantidos entre a família branca e Hortência, a família ordena que a protagonista realize tarefas, Hortência obedece sem contestar, o que indica seu comportamento submisso, o que se pode observar em vários momentos da narrativa fílmica.

3.1 Subordinação racial

Há uma cena, em um dos momentos finais do filme, na qual Hortência supostamente conversa com a matriarca da família branca por telefone. O filme nos apresenta apenas as falas de Hortência, é preciso supor com quem ela fala e o que lhe é dito. Nesta ligação, ela parece estar prestando contas sobre a fazenda, como

se devesse explicações à família. Percebe-se a subordinação de Hortência nesta cena, como se cuidar do bom andamento da fazenda fosse sua incumbência, uma ordem que ela segue, sem contestar. Ela, como uma pessoa que foi *criada* pela família, isto é, foi adotada por eles, não deveria precisar prestar contas como se fosse uma funcionária, afinal Hortência e a família branca supostamente fazem parte de um mesmo grupo familiar.

Ao teorizar sobre a subordinação, Spivak apresenta uma explicação sobre a construção do sujeito colonizado como *outro* e caracteriza esta ação como a maneira mais evidente de violência epistêmica:

O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária Subje-tividade (SPIVAK, 2010, p .47).

Pode-se supor que Hortência é construída como *outro* pela família branca rica, que não a vê como igual, não sente empatia para com ela, já que é de uma raça diferente da deles, é uma mapuche.¹ Portanto, ao ser de uma raça considerada inferior, a *criada* não merece ter sua subjetividade respeitada. Talvez por esse motivo não haja diálogos em que se trate de questões pessoais, como é comum nos contatos familiares.

Talvez por isso, durante o filme ninguém pergunta a Hortência como ela está, como está seu filho ou seu neto. Ninguém lhe pergunta se ela precisa de alguma coisa. Aparentemente a vida de Hortência não lhes interessa, ela serve à família apenas como mão de obra, por isso sua subjetividade não é respeitada, ela é o *outro*, é um ser diferente, inferior aos membros da família branca e rica. Ela é uma mulher indígena e pobre, triplamente subordinada, de acordo com os conceitos indicados por Acevedo (2010).

Uma das expressões da relação de subordinação perceptível no filme é que algumas das poucas falas direcionadas a Hortência pelos proprietários da fazenda são ordens de trabalho. Por exemplo, uma cena em que Hortência recebe muitas ordens transcorre na cozinha, quando ela está passando um arame por um grande pedaço de carne, para preparar um assado.

Observa-se neste diálogo que a proprietária está dando ordens à Hortência por utilizar verbos no imperativo e especialmente porque, no filme, percebe-se que a proprietária usa um tom de voz autoritário e ríspido. Os verbos no imperativo,

1 A definição de mapuche, de acordo com o dicionário Houaiss, é a seguinte: “mapuche s.2g. 1 nome com que se designam os araucanos s.m. LING 2 m.q. ARAUCANO ETIM esp. Mapuche ‘homem da terra’ “(2009, p.1240). De acordo com o site La Pampa Gaucha “Os mapuches são um grupo indígena da região centro-sul do Chile e do sudoeste da Argentina. São conhecidos também como araucanos.” Através dessas informações, constata-se que os mapuches são uma nação indígena que originariamente ocupou um território que hoje faz parte do Chile e da Argentina.

neste contexto comunicativo, poderiam expressar uma orientação, porém o tom de voz e a impaciência demonstram que são ordens que devem ser cumpridas sem questionamento. Se esta mulher branca estivesse ensinando alguém por quem tem estima a prender a carne com um arame para fazer um assado campeiro, possivelmente não seria tão impaciente. A senhora branca mostra-se irritada, enquanto que Hortência fala com um tom de voz calmo e baixo, não questiona sua patroa por ser tratada com rispidez. Pode-se dizer que a mapuche aceita com submissão as ordens e a violência verbal que lhe é dirigida.

Na cena em questão também é perceptível o fato de a proprietária interromper as falas de Hortência, não dando muita relevância ao que ela diz e, quando a ouve, discorda dela. Em outras cenas repete-se o mesmo comportamento da família, que parece ignorar o que Hortência diz, como na cena em que ela passa roupa, em pé, enquanto as senhoras brancas estão sentadas em poltronas, fazendo trabalhos manuais. Percebe-se claramente nessas cenas os conceitos propostos por Spivak (2010), de que o subalterno não tem voz e sua subjetividade não é respeitada. Analisando estas cenas, nota-se que as opiniões de Hortência não são consideradas válidas, provavelmente porque ela não é tida como igual pelos proprietários, ela é o *outro*, é inferior, é apenas uma mulher indígena que sempre foi pobre.

Apesar de não respeitar a dignidade e os direitos da mulher mapuche, a família branca e rica não sofre nenhuma penalidade por mantê-la nesta situação, análoga à escravidão. Pode-se comparar a situação em que Hortência vive, na ficção, com a dos indígenas do Chaco, no norte da Argentina, que segundo Raúl Mandrini, em seu livro *La Argentina Aborígen* (2008, p.271), historicamente foram utilizados como mão de obra escrava nos séculos XVII ao XIX. É possível considerar que a condição de *criada* vivida por Hortência parece substituir, nos séculos XX e XXI, a condição de escrava indígena.

3.2 Subordinação por classe social

Tendo analisado a subordinação racial, é importante refinar as relações de dominação por classe social. Há algumas cenas no filme *Criada* que permitem que o espectador perceba o quanto a protagonista é pobre. Uma delas ocorre logo no início do filme, quando Hortência está falando ao telefone com seu filho. Nesta cena percebe-se que a mulher indígena tem as mãos sujas e calejadas, em decorrência dos duros trabalhos que realiza. Também se nota que lhe faltam alguns dentes, o que indica que ela não teve condições de cuidar de sua saúde bucal ao longo da vida.

Outra cena que permite visualizar a pobreza de Hortência é a que mostra o lugar onde ela dorme. A cena mostra Hortência arrumando sua cama. É uma cama

pequena de ferro, com um colchão de espuma bastante gasto e velho, também há alguns cobertores que apresentam uma aparência desgastada. A câmera se afasta e mostra que a cama está no canto de um cômodo que também é uma sala de jantar, ou seja, ela nem mesmo possui um quarto individual.

Talvez para denunciar sua pobreza, no filme repetem-se cenas nas quais Hortência guarda algumas moedas em um pote, dinheiro que estaria reunindo com trabalhos extras para ir ao casamento de seu filho.

Sobre os poucos recursos financeiros da protagonista, há um diálogo muito importante que ocorre entre Hortência e sua vizinha Amélia, na companhia de Tina, outra vizinha:

Amélia – Ayer estaba loca. No tenía un peso para comprar cigarrillos. Hoy me han mandado. Mañana empiezan a cobrar los Pro familia, ¿no?

Hortência - Uhun

Amélia - Mañana empiezan cero cero ¿y vos sos?

Hortência – No, pero yo no tengo Pro familia. Yo tengo “Jefes de Hogar”. ¿Empiezan mañana? No me digas.

Amélia – No, Jefes de Hogar empieza el quince.

Hortência- ¿Quince?

Amélia – Pero de a dos terminaciones.

Hortência – Sí, uno y dos...No... Cero y uno. Dos y tres.

Amélia – Sí. ¿Vos cobrás 150 pesos nomás?

Hortência move a cabeça, afirmativamente

Amélia - ¿Y alguna jubilación? ¿Nada?

Hortência – No tengo edad todavía para la jubilación.

Amélia - ¿Y qué le sabías cobrar vos para la abuela?

Hortência – Ah, la jubilación de ella.

Amélia – Por eso, de ella. ¿O sea que vos generalmente te manejas con lo del Plan?

Hortência move a cabeça, afirmativamente.

Amélia - ¿Y lo que vendes de tus cosas de las aceitunas? ¿No te dan ni un peso? ¿De esa jubilación, nada? ¿Nada te deja?

Hortência - ¿De la jubilación de ella? No...

Amélia – ¿No te dejan plata?

Hortência – Sí, a veces cuando hay cosecha y todo eso, sí. Pero si no, no. Cuando se van... se van.

Amélia – Yo pensaba que te hacían un sueldito así como el de... El de Yeli. ¿Viste que él maneja todo lo que está detrás del río? Pero él tiene un sueldo aparte. Yo pensaba que a vos también te hacían un sueldito aparte. Por todo lo que haces en las viñas... Con los olivos que tenéis que regar. ¿No te pagan las regadas y esas cosas?

Hortência move a cabeça, negativamente.

Amélia -¿Para qué vivir así?

(CRIADA, 2009)

Através desse diálogo o espectador é informado de que Hortência nunca teve salário e que seus poucos recursos vêm do programa *Jefes de Hogar*. Pelo contexto entende-se que se trata de um tipo de auxílio social do governo. Além dessa escassa

fonte mensal ela só dispõe do que eventualmente recebe da venda de suas compotas e bolos.

Para compreender melhor do que se trata o programa *Jefes de Hogar*, é interessante observar a seguinte informação apresentada no site oficial do Governo da Argentina:

El Plan Jefas y Jefes de Hogar Desocupados, que asiste a más de dos millones de beneficiarios en todo el país, otorga un subsidio de 150 pesos mensuales a jefes de familia sin ocupación y con hijos menores de 18 años o discapacitados, a cambio de una contraprestación de carácter comunitario, productivo o de capacitación (ARGENTINA, 2003).

Observa-se que este auxílio é para pessoas que estão desempregadas, entretanto, a partir de 2003, segundo o mesmo site “el Ministerio de Trabajo, Empleo y Seguridad Social definió la integración de las comunidades indígenas al Programa Jefas y Jefes de Hogar que asiste a más de dos millones de personas en todo el país”. Supõe-se que Hortência recebe esse auxílio por ser indígena e estar desempregada ante os registros do governo. Este auxílio provavelmente é de grande ajuda para Hortência, porém supõe-se que este dinheiro supre apenas as necessidades mais básicas, tendo em consideração os muitos sinais de sua pobreza.

Na cena da conversa entre Amélia e Hortência, percebe-se certo desconforto da protagonista, que apenas move a cabeça negativamente às últimas perguntas feitas por Amélia. Ao final, Hortência parece estar controlando-se para não chorar, por isso ela se levanta para ir embora. Todo o constrangimento manifesto pela protagonista demonstra o quanto ela sofre por estar nesta situação. Pode-se supor que Hortência não quer que suas vizinhas, que são suas amigas, saibam que ela nunca recebeu salário pelos trabalhos pesados que exerce, nunca foi registrada como trabalhadora da fazenda e não conta com nenhum auxílio financeiro dos proprietários, o que põe em evidencia sua extrema pobreza, sua situação de subordinação ante a exploração econômica que sofre.

3.3 Subordinação de gênero

Para analisar como se estabeleceu a relação de subordinação de gênero da mulher indígena à família branca e rica é importante considerar a situação de vulnerabilidade de Hortência quando foi trazida para a família para ser *criada*. De acordo com o relato da protagonista, a menina órfã não tinha nenhum familiar que pudesse cuidar dela, emocional e financeiramente, por isso ao perder os pais foi levada a uma *escuela hogar*, instituição análoga a um orfanato. Ela necessitava de cuidados e a família branca e rica, que a levou para sua fazenda, supostamente representou esperança para a menina, pois ela teria uma casa e uma família

novamente.

Devido à vulnerabilidade de Hortência como menina, indígena e pobre, ela precisou ficar com a família branca, que lhe provia moradia, alimentação, roupas etc. Supõe-se que foram atribuídas tarefas a ela e que os trabalhos realizados pela menina indígena seriam como uma espécie de pagamento em troca desses itens. Levanta-se a hipótese de que este foi um tipo de acordo que se estabeleceu desde o início entre a família branca e a criança. A família branca, assim, aproveitou-se da vulnerabilidade da menina mapuche órfã para fazer com que ela trabalhasse exaustivamente e de graça, fixando a prática da exploração do seu trabalho a partir de sua chegada à fazenda.

Como Hortência nunca recebeu salário, imagina-se que ela nunca teve recursos financeiros para sair da fazenda, ou projetos para ir para a cidade e melhorar de vida. Esse foi, provavelmente, um dos intuitos da família branca: impor a pobreza à *criada* mapuche, assim eles sempre conseguiram manter essa mulher indígena em condição de subordinação, por ser sumamente pobre e não dispor de nada mais que uns poucos pesos e moedas para sua subsistência.

Para ampliar a análise da subordinação de gênero recorre-se ao trabalho da doutora em Sociologia Política, Ana Alice Costa, intitulado *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. Uma consideração importante apresentada pela autora é que:

Como já vimos em muitas outras oportunidades, esta subalternidade, determinante na condição feminina, é fruto do seu papel de gênero. Sabemos que a sociedade através de suas instituições (aparelhos ideológicos), da cultura, das crenças e tradições, do sistema educacional, das leis civis, da divisão sexual e social do trabalho, constrói mulheres e homens como sujeitos bipolares, opostos e assimétricos: masculino e feminino envolvidos em uma relação de domínio e subjugação (COSTA, 2008, p. 3).

Apartir destes pressupostos compreende-se que Hortência vive nesta sociedade onde as mulheres são subjugadas, subordinadas aos homens, isso faz com que ela seja afetada diretamente, pois ela é uma mulher vivendo em uma sociedade patriarcal. Uma das cenas que permite perceber mais claramente sua subordinação de gênero é quando as mulheres brancas folheiam um álbum de fotos, em uma delas aparece um homem indígena junto com esta família branca. Uma mulher branca explica:

- Ese chico que está ahí atrás... Ese era un chico que mamá trajo como la Hortensia, ¿viste? Lo tenía *criado*, lo trajo acá. “El chileno” le decíamos nosotros. Se llamaba Luis Salazar. Y vivió acá con mi abuelo. Lo cuidó a mi abuelo mucho tiempo. Y después se fue al sur a trabajar y se quedó. No lo vimos más (CRIAIDA, 2009).

Este homem indígena também vivia na mesma condição de *criada* que

Hortência, porém subentende-se que ele tinha mais liberdade e autonomia de ação, que era mais respeitado na sociedade justamente por ser homem, porque como homem teria mais independência, mais poder de escolher o que fazer com sua vida, não teria que se preocupar tanto com o que a família branca faria ou com julgamentos da sociedade, o que tornaria mais fácil para ele romper a relação de subordinação vivida com a família branca e ir embora para o sul, trabalhar em outras condições, deixando de ser *criado*.

Sobre a questão das diferenças entre homens e mulheres que fazem parte de grupos subalternos, Spivak afirma:

É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos de historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 66).

Considerando-se esta afirmação, pode-se cogitar que, no filme em estudo, apesar de ambos os *criados* serem indígenas e pobres, Hortência é inferiorizada ainda mais pelo fato de ser mulher. Também há que se pensar que Hortência teve um filho, possivelmente como mãe solteira, já que o filme não menciona o marido ou companheiro de Hortência, o que a tornaria ainda mais dependente da família branca, pois precisaria da fazenda para morar com seu filho, para ter como alimentá-lo, vesti-lo e educá-lo. O fato de ser mãe solteira provavelmente faria com que ela fosse mal vista perante a sociedade, que costuma fazer mau juízo das mulheres que têm filhos fora do casamento. Pode-se supor que o nascimento do filho aumentou a subordinação de Hortência da família que a tinha criado, assim como a dependência, por ser mulher e mãe, daquele lugar onde tinha moradia e sustento, ainda que em condições precárias.

Levando-se em conta o que foi observado nesta seção, pode-se analisar que a exploração do trabalho da mulher indígena, protagonista do filme *Criada*, iniciou na infância.

Por estar em uma situação de vulnerabilidade Hortência se subordinou à família branca, acatou suas ordens e colocou-se em posição de inferior. A relação de tripla subordinação muito provavelmente se iniciou quando ela passou da condição de órfã à de *criada*. Contudo, pode-se inferir que Hortência nunca foi uma filha para esta família e que sempre foi tratada como *outro*, particularmente por ser indígena. O estudo realizado nesta seção permite a compreensão de que, por sua raça, seu gênero e sua condição social a mulher mapuche foi mantida na pobreza e explorada como mão de obra, em situação similar à escravidão, ao longo de toda a vida.

4 | VIOLÊNCIA FAMILIAR

Para expandir o estudo da violência familiar percebida no filme *Criada*, utiliza-se o conceito de violência privada apresentado por Adelma Pimentel, em seu livro *Violência psicológica nas relações conjugais* (2011). Segundo a autora “violência privada é a prática costumeira nas casas, com ou sem testemunhas, entre sujeitos consanguíneos e não consanguíneos, orientada pela imposição da autoridade visando à submissão e domínio da autonomia do outro. (PIMENTEL, 2011, p. 23).

Percebe-se este tipo de violência na relação de Hortência com a família branca, na qual esta última tem o domínio sobre a autonomia de Hortência, tanto que ela não consegue obter meios para sair da fazenda para ir ao casamento de seu próprio filho e para conhecer seu neto. Neste contexto, as relações afetivas parecem ser o meio pelo qual a família branca exerce uma forte ação de controle sobre Hortência. É o que se percebe quando, ela justifica para seu filho, em uma conversa telefônica, que não pode viajar porque precisa ficar na fazenda para cuidar da avó, pois é a época em que ela fica na propriedade. Porém, percebe-se que o motivo principal de a avó estar na fazenda é por ser período de colheita, ou seja, Hortência precisa estar lá para trabalhar. Então, não é Hortência que cuida da avó, mas sim a avó, a matriarca da família, que cuida de Hortência, no sentido de a vigiar e controlar, impondo sua autoridade sobre a vida da *criada* indígena.

Um ponto importante a ser analisado é o silêncio de Hortência nas relações com a família branca. Sobre este assunto, Maria Laurinda Ribeiro de Souza, em *A banalização da violência: efeitos sobre o psiquismo*, afirma que:

Às vezes a violência se manifesta pelo silêncio. silêncio que, utilizado inicialmente como recurso temporário de evitação ao confronto, logo se transforma em arreio que emudece e imobiliza o corpo. Outras vezes, a violência está na impossibilidade de silenciar, de abdicar da ânsia de tudo dizer - não importando as consequências que isso tenha (SOUZA, 2011, p. 9).

De acordo com este conceito pode-se interpretar o silêncio de Hortência como uma manifestação da violência sofrida por ela, que a condicionou a evitar o confronto com a família branca, mantendo-se emudecida, imobilizada. Percebe-se este silêncio na maioria das cenas do filme, que são cenas de trabalho na fazenda. Também quando há diálogos com os proprietários, pois, ou ninguém dá atenção ao que Hortência diz, ou a tratam com rispidez.

É relevante para a análise em curso o conceito de violência psicológica apresentado por Pimentel, segundo ela “a violência psicológica é uma forma de brutalidade que atinge o autoconceito, a autoimagem e a autoestima de alguém” (2011, p. 69). Pode-se supor que entre as muitas formas de violências sofridas por Hortência como *criada* da família branca e rica, desde menina, tiveram como

propósito negar-lhe a subjetividade, fazê-la sentir-se inferior, por ser mapuche e pobre, ante os proprietários da fazenda que lhe dava asilo, mas a obrigava a trabalhar incessantemente. Ferir a auto-estima e a auto-imagem da menina e da mulher indígena, negando-lhe o uso da palavra, a expressão do pensamento, a saúde, os direitos, a justa recompensa pelo trabalho, a dignidade, claramente faz parte de um processo consciente de exploração do trabalho da mulher pobre e indígena, como forma de mantê-la sempre na miséria, para tê-la submissa, sempre dependente e subalterna à família de seus patrões.

As cenas finais mostram que Hortência não consegue, apesar de todos os seus esforços, obter dinheiro para viajar, ir ao casamento de seu filho e conhecer o neto, nos Estados Unidos. Ninguém da família branca conhece este desejo de Hortência, não porque seja um segredo, mas porque ninguém lhe perguntou, já que ninguém se importa com o que ela sente ou deseja realizar. Este talvez seja o aspecto mais doloroso que o silêncio, a pobreza e o interminável trabalho de Hortência denunciam e, simultaneamente, colocam em evidência na trama de *Criada*.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas históricas utilizadas na análise do enredo de *Criada* (2009), bem como os estudos feitos a partir dos conceitos teóricos selecionados, mostram que esta narrativa fílmica de Matías Herrera Córdoba expressa uma denúncia sobre a grave condição de exploração do trabalho que mulheres indígenas sofrem, ainda no século XXI, na Argentina.

Nas muitas formas de violência familiar e social, pôde-se identificar as violências raciais, de gênero e de classe social, que foram mobilizadas para manter a mulher mapuche, protagonista desta narrativa fílmica, presa à pobreza, à falta de direitos, sem acesso à saúde, completamente subordinada à família branca e rica que a tirou do orfanato para que trabalhasse em sua casa como *criada*. A análise permite afirmar que tal condição atualiza a prática histórica da escravidão indígena no norte da Argentina.

O filme parece particularmente dedicado a denunciar que a exploração da mulher indígena ainda persiste na Argentina e, possivelmente, em muitos outros países da América Latina. Neste sentido, sua trama convida o espectador a refletir sobre as muitas formas de subordinação das mulheres, para os quais todos devemos abrir os olhos, tomar consciência, romper o silêncio e as estruturas de dominação.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Saríah. **Los derechos de las mujeres en el movimiento indígena latinoamericano**. Sinergia Noj, 2010. Disponível em: <https://justassociates.org/sites/justassociates.org/files/los_

derechos_de_las_mujeres_en_el_movimiento_indigena_latinoamericano.pdf> Acesso em: 24 mai. 2019.

ARGENTINA. **Las comunidades indígenas se incorporan al Plan Jefas y Jefes de Hogar**. 2003. <[https://www.argentina.gob.ar/noticias/las-comunidades-indigenas-se incorporan-al-plan-jefas-y-jefes-de-hogar](https://www.argentina.gob.ar/noticias/las-comunidades-indigenas-se-incorporan-al-plan-jefas-y-jefes-de-hogar) > Acesso em: 19 mai. 2019.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008. Disponível em: <<https://pactoglobalcreapr.files.wordpress.com/2012/02/5-empoderamento-anaalice.pdf>> Acesso em: 24 mai. 2019

CRIADA. Direção: Matías Herrera Córdoba. Córdoba. 2009. DVD. 75 min.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LA PAMPA gaucha: Mapuche. 2011. Disponível em: <<http://lapampagaucha.blogspot.com.br/2011/06/mapuche.html>> Acesso em: 19 mai. 2019

MANDRINI, Raúl. **La Argentina Aborigin**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

PIMENTEL, Adelma. **Violência psicológica nas relações conjugais**. São Paulo: Summus, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Ferreira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 9, 15, 16, 384, 387

Aparecido alves machado 173, 174, 179, 180, 181, 182, 190, 191

Aprendizagem 19, 20, 21, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 96, 98, 99, 100, 105, 108, 109, 114, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 150, 155, 158, 159, 160, 270, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 294, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 349, 350, 355, 358, 359, 360, 361, 362, 363

C

Cinderelas do campo 173, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 184, 190, 191, 192

Compreensão oral 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Comunicação 25, 28, 32, 46, 47, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 77, 78, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 91, 94, 96, 97, 105, 106, 122, 125, 143, 144, 149, 157, 160, 161, 180, 272, 273, 274, 277, 288, 293, 295, 299, 306, 309, 337, 339, 340, 342, 347, 348, 376, 378, 398

Conhecimento 2, 7, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 48, 49, 51, 54, 55, 65, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 80, 82, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 117, 118, 121, 123, 137, 151, 152, 159, 164, 166, 167, 169, 211, 223, 247, 254, 268, 269, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 281, 298, 303, 304, 306, 311, 313, 314, 316, 317, 319, 321, 324, 328, 329, 331, 333, 334, 337, 343, 344, 345, 347, 351, 352, 360, 387

Corpo 13, 113, 136, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 203, 219, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 235, 237, 239, 278, 280, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 355, 356, 357, 358, 361, 368

Currículo 17, 33, 37, 68, 69, 71, 72, 115, 117, 118, 121, 125, 232, 303, 351, 360

D

Discurso 8, 9, 10, 15, 16, 17, 27, 33, 39, 45, 78, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 115, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 142, 154, 158, 213, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 226, 227, 229, 230, 231, 251, 254, 266, 283, 286, 292, 297, 335, 344, 347, 364, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 384, 385, 386, 387, 388, 391, 392, 393, 394, 397, 398

E

Encontro 36, 37, 45, 49, 53, 54, 83, 92, 101, 134, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 219, 230, 263, 274, 284, 290, 294, 297, 298, 316, 325, 326, 335, 337, 344, 348

Ensino de gramática 43, 44, 45, 46, 47, 63, 89

Ensino de língua 21, 23, 28, 30, 45, 48, 63, 66, 68, 73, 85, 119, 122, 123, 124, 127

Ensino de línguas 31, 33, 35, 36, 41, 74, 87, 88, 89, 119, 120, 125

Estratégias didático 17, 18, 22

Ética 88, 125, 126, 150, 157, 159, 162, 231, 261

F

Formação continuada de professores 41, 117

Formação do professor 31, 126

G

Gêneros textuais 26, 43, 44, 47, 50, 63, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 123

I

Indígena 193, 194, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 358

L

Letramentos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 40, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Linguagem jornalística 9

Língua inglesa 1, 6, 7, 8, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 74, 75, 76, 81, 83, 84, 126, 139, 364

Língua portuguesa 4, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 38, 44, 45, 47, 48, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 101, 102, 105, 107, 122, 124, 127, 128, 148, 149, 205, 217, 222, 364, 399

Língua portuguesa para surdos 73

Línguas estrangeiras 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 74, 75, 118, 247

Linguística aplicada 18, 32, 41, 97, 100, 102, 103, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127

Literatura 5, 6, 18, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64, 94, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 115, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 142, 144, 146, 148, 149, 163, 164, 165, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 188, 190, 191, 192, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 231, 233, 241, 247, 248, 252, 257, 258, 259, 262, 265, 266, 267, 269, 338, 364, 367, 368, 378, 379, 382, 384

Literatura de cordel 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64

Literatura sul-mato-grossense 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 191, 192

Lugar das línguas 1

M

Mapuche 193, 194, 197, 198, 201, 202, 204, 205

Monitoria de língua portuguesa 93

Moodle 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84

Mulher 112, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 209, 239, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 288, 289, 290, 291, 332, 333, 334

Multimodalidade 31, 32, 33, 34, 35, 37, 41

O

O cortiço 112, 115, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172

Oralidade 24, 28, 29, 37, 40, 51, 54, 85, 86, 87, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 211, 213, 276, 277

P

Pedagógicas 17, 18, 22, 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 87, 92, 93, 121, 155, 157, 158, 159, 332, 334

Perspectiva bilíngue 65, 66, 72

Podcast 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Poesia 49, 50, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 147, 148, 149, 165, 173, 177, 180, 188, 190, 207, 213, 216, 260, 299, 374

Política 1, 6, 7, 8, 88, 114, 120, 121, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 169, 177, 183, 187, 191, 201, 212, 215, 225, 231, 242, 250, 261, 266, 286, 292, 326, 329, 345, 348, 365, 366, 372, 375, 376, 377, 381, 385, 390, 392

Política linguística 1, 7, 8

Práticas pedagógicas 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 121

Professores de língua materna 17

Proficiência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 80, 103

R

Representação feminina 163, 168

Romantismo 133, 135, 136, 144, 145, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188, 190, 191, 192, 213, 241, 259, 260, 261, 262, 267, 269

S

Sequência didática 43, 44, 49, 51, 52, 54, 55, 64, 85, 90

Simão Dias 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Subalternidade 193, 201, 212, 374

Subordinação 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204

T

Tecnologias digitais de informação 85

V

Videoclipe musical 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

 **Atena**
Editora

2 0 2 0